

Gaúchos de paz nas guerras dos caudilhos

Prof. Doutorando Carlos Rizzon¹ (UESC/UFRGS)

Resumo:

Tradicionalmente, a historiografia literária conceitua as narrativas de cunho regionalista por marcas específicas de cores locais, desenhando um movimento de delimitação do espaço. No entanto, ao colocar em relação a literatura regional do Rio Grande do Sul com obras produzidas na região do Rio da Prata, considerando as histórias análogas de conflitos de fronteira e guerras civis no sul do Brasil, na Argentina e no Uruguai, aprofundamentos mais amplos podem ser explorados, como a remodelação de identidades e alteridades de personagens que transitam de um a outro lado das fronteiras nacionais. Existe, também, uma tradição de representações míticas do gaúcho, apresentado como o “centauro dos pampas”. Porém, as análises dos contos “O herói não foi à guerra”, do brasileiro Walmor Santos, e “Un cuento con un pozo”, do uruguaio Mario Arregui, desconstruem essa imagem para denunciar opressões enfrentadas pelos gaúchos recrutados para as guerras.

Palavras-chave: regionalismo, literatura gauchesca, fronteira, guerras civis

As obras literárias que tratam do tema da gauchesca são comumente percebidas pela crítica através do seu caráter regional. E, na historiografia da literatura brasileira, o enfoque da regionalidade, uma praga antinacional no conceito dos modernistas de 1922, é tradicionalmente apontado pelo uso de cores locais, afirmadas em paisagens, linguagens, tipos e credences peculiares e em temáticas rurais. Dessa maneira, há uma restrição a um lugar específico, delimitando e isolando os elementos narrativos para destacar o exótico e o particular em detrimento de questões que poderiam ser universais, conforme queria Gilberto Freire, pois, dizia o sociólogo pernambucano: “se completam, regionalismo e nacionalismo, do mesmo modo que se completam nacionalismo e universalismo”. No entanto, a visão do regionalismo como algo estreito e superado, marcado por traços pitorescos de algum lugar, é o que está mais presente, de um modo geral, na crítica literária. Isso é o que se observa nas considerações, por exemplo, de Lúcia Miguel-Pereira no seu conceituado livro *Prosa de ficção* (de 1870 a 1920), publicado em 1950, quando, no capítulo em que analisa o regionalismo, comenta:

[O regionalista] Sobrepõe, destarte, o particular ao universal, o local ao humano, o pitoresco ao psicológico, movido menos pelo desejo de observar costumes – porque então se confundiria com o realista – do que pela crença o seu tanto ingênua de que divergências de hábitos significam divergências essenciais de feitio. É por isso levado fatalmente a conferir às exterioridades – à conduta social, à linguagem, etc. – uma importância exclusiva, e a procurar ostensivamente o exótico, o estranho. (PEREIRA, 1988:176)

Da mesma forma, anos depois, Nelson Werneck Sodré, em sua *História da literatura brasileira*, citando muitas das colocações de Miguel-Pereira, faz apontamentos semelhantes, ressaltando limitações das obras regionalistas por um fascínio à descrição do meio geográfico: “A natureza absorve, na ficção regionalista, o papel do homem e este vive em função dela, esmagado pela sua impotência” (p. 406). Outra restrição apontada por Sodré refere-se ao modo de falar das personagens das obras regionalistas, pois, segundo o crítico, o desejo de fidelidade na representação de uma rudeza através da fala “mais ainda amesquinha o papel do homem, e correspondia a uma generalizada incompreensão” (p. 406-407). Sodré não condena de todo o regionalismo, pois reconhece nele uma valorização do elemento popular e uma revelação do Brasil aos seus leitores através de um acervo de informação documentária. Mas conclui que os autores regionalistas, no apego ao linguajar

próprio de cada região e da pintura descritiva da paisagem, não discriminam o essencial do secundário na arte literária.

Se, no entanto, aproximarmos as obras regionalistas produzidas no Rio Grande do Sul, onde os traços de linguagem e espaço são característicos, com as obras denominadas “criollistas” escritas no Uruguai ou na Argentina, veremos que são justamente essas as marcas que se relacionam, apesar da diferença de idiomas, através de falas em espanhol e em português que se sobrepõem de um e outro lado de cada fronteira. Assim como o ambiente físico, pois este não difere ao se cruzar as linhas dos limites nacionais, conformando, segundo conceito de Ángel Rama, uma única comarca pampiana. Se levarmos em consideração, ainda, o histórico dessa região disputada por dois impérios coloniais e ocupada por três países que, em variadas épocas, travaram lutas sangrentas pela posse do território, poderemos perceber que existe aí um manancial comum de temas explorados por escritores de diferentes nacionalidades. Dessa forma, as mesmas obras que a crítica dominante vê como restritas e específicas de determinado lugar adquirem um caráter muito mais amplo, revelando questões históricas que circulam nos trânsitos fronteiriços, nos imbricamentos culturais, nas disputas políticas e nas conformações sociais.

A história das lutas no sul do Brasil e na bacia do rio da Prata vem desde as primeiras ocupações coloniais européias na região. Buenos Aires, por exemplo, fundada em 1536, teve que ser abandonada pelos conquistadores espanhóis devido aos ataques dos ranqueles, indígenas que habitavam aquele espaço e que reagiram à invasão do seu território. A refundação definitiva só aconteceria cerca de 50 anos depois com a dizimação da população autóctone. Colônia do Sacramento, cidade situada em frente à capital argentina, na margem oposta do rio da Prata, foi fundada por portugueses em 1680 mas, por um século, foi disputada à força pelas metrópoles ibéricas. Nos anos 20 do século XIX, Argentina e Brasil ainda guerreavam pela posse da região, que acabou por não pertencer nem a um nem a outro, pois houve a intervenção da Inglaterra para a fundação de um novo país, o Uruguai, em 1828. Antes, no século XVIII, as missões jesuíticas já haviam sido violentamente destruídas por espanhóis e portugueses, que desconfiavam da instauração de uma república guarani em pleno território colonial. Os processos de independência das colônias também foi violento pois, se no Brasil não houve revoluções na sua liberação do controle português, o mesmo não pode ser dito em relação aos territórios hispânicos na América. A Revolução de maio de 1810 foi o marco do processo de independência da Argentina, declarada definitivamente como um estado-nação em 1816. No entanto, as disputas internas entre os unitários e os federalistas prolongaram as sangrentas batalhas até muitos anos depois. Do mesmo modo, os conflitos entre os grupos opositores no Uruguai provocaram diversas lutas e revoluções até o início do século passado. No Rio Grande do Sul não foi diferente. O espírito belicoso que moldou as independências das colônias hispânicas e as disputas internas das novas nações também se fez presente no sul do Brasil. A Revolução Farroupilha, que iniciou em 1835, provocou a declaração de independência e a instauração da República Rio-Grandense pelos revolucionários no ano seguinte. A guerra com o Império brasileiro durou até 1845. Mais adiante, em 1893 e em 1923, as disputas entre liberais e conservadores provocaram novas revoluções dentro do estado. Mas talvez a mais cruenta luta tenha sido a Guerra do Paraguai entre os anos de 1864 e 1870, onde estima-se que 90% da população masculina paraguaia tenha sido morta pela Tríplice Aliança, formada por Argentina, Uruguai e Brasil.

Em todos esses conflitos, é curioso notar que algumas personagens tenham participações plúrais: Antônio de Souza Netto, por exemplo, nos anos 20 do século XIX, participou das batalhas contra os castelhanos ao lado do Império brasileiro na disputa pela Província Cisplatina; depois, nos anos 30 e 40, no período da Revolução Farroupilha, lutou contra o mesmo império que antes defendia e, nos anos 60, morreu na Guerra do Paraguai defendendo outra vez o Império de Dom Pedro II. Ou então Aparicio Saravia, uruguaio filho de brasileiros que, ao final do século XIX e começo do XX, participou em revoluções tanto no Rio Grande do Sul quanto no território uruguaio.

Mas, além dos generais, quem eram os atores de tantas guerras? Caudilhos, peões e escravos. Os embates foram motivados por interesses das elites pelo poder e pelo domínio de suas querências, de forma que o campo político era pequeno para definir o comando de um governo. Cada patrão de estância era dono de escravos e/ou senhor de uma legião de peões que trabalhavam em suas terras. Para organizar uma guerra, seja por não reconhecer um pleito eleitoral ou uma definição de fronteira, bastava recrutar seus trabalhadores do campo, gaúchos acostumados ao árduo trabalho campeiro, derrubando gado com o tiro de bolhadeiras, sangrando animais com certos cortes no pescoço, defendendo honras em brigas de facão. Sem as guerras, esses gaúchos eram injuriados vagabundos, contrabandistas e párias que não respeitavam leis. Porém, no campo de batalha, sem defender nenhuma pátria ou partido político, mas um patrão casual, eram tidos como valentes e corajosos. Muitos estavam ali por um simples par de botas que, se não o recebessem do caudilho que os comandava, roubariam de algum defunto como sobra de guerra.

A figura do gaúcho forte e varonil presente nas guerras foi incorporada pela literatura para repetir o modelo das personagens românticas européias, climatizando-o nos pampas dos recém criados estados rio-platenses como símbolo de uma nacionalidade. Diga-se, é bem verdade, um símbolo constituído na confrontação entre civilização e barbárie. O influxo platino fez-se presente nas obras dos autores sul-riograndenses que representaram o gaúcho, até os anos 20 do último século, no mitificado “centauro dos pampas” ou “monarca das coxilhas”, rei de si mesmo montado no trono que era o lombo do seu cavalo. A partir da década seguinte, há a reconfiguração dessa imagem através da representação do gaúcho a pé, marginalizado em consequência da sua migração para a cidade.

Obras de autores mais recentes, como do brasileiro Walmor Santos e do uruguaio Mario Arregui, têm retomado a temática do gaúcho diante das guerras promovidas por caudilhos de plantão. É o caso dos contos “O herói não foi à guerra”, ambientado na revolução de 1923 entre chimangos e maragatos no Rio Grande do Sul e de “Cavalos do amanhecer”, enfocando a luta entre blancos e colorados, sem precisar a data. Essa indefinição temporal indica que a tensão vivida pelas personagens era comum para qualquer época. Não fossem as indicações dos partidos políticos envolvidos nos conflitos, também o espaço poderia ser tanto o uruguaio quanto o brasileiro ou mesmo argentino em quaisquer dos contos. Em “O herói não foi à guerra”, publicado em 1997 pelo Instituto Estadual do Livro em *O autor presente: literatura gaúcha*, coletânea organizada por Léa Masina, a personagem Gumerindo, diante da guerra eminente entre chimangos e maragatos, foge da guerra. “Não tenho nada com isso” (p. 269), diz ele, não se importando com as disputas políticas travadas no estado. Na ocasião, suspeitava-se do resultado da eleição que mantinha Borges de Medeiros no cargo de Presidente da Província. Houve mobilização em todos os rincões do estado. No conto, ao amanhecer do dia, sentindo o cheiro de pólvora no ar, Gumerindo se esconde e faz-se passar por louco para evitar de ir à luta. Mas seu vizinho, o compadre Zé-da-Venda, conclama: “O sangue farroupilha corre em nossas veias. É hora dos bravos!” (p. 270). Apesar de haver passado já um século praticamente, a memória da revolução que separou o Rio Grande do resto do país mostra-se latente, evidenciando uma orgulhosa coragem e valentia. Era conceito que um homem só se fazia homem de fato depois de participar em alguma guerra. Para afirmar sua masculinidade, era preciso enfrentar o risco da morte no campo de batalha. Quando os soldados batem à porta do casebre de Gumerindo para recrutá-lo para o pelotão que se formava, ele se esconde no fundo do quintal, em cima de um pé de laranjeira, deixando sua mulher sozinha diante dos revolucionários. Na casa, incomodados pela ausência de Gumerindo, os soldados “revistaram o quarto e o paiol, abusaram do café, beliscaram a bunda de Filoca e foram embora” (p. 270). Mais tarde, diante da insistência de Zé-da-Venda que procura pelo amigo, uma vez mais Gumerindo se esquia, trancando-se no quarto agarrado à garrucha e à adaga. A comadre avisa, girando o dedo indicador ao lado da testa, que o marido “deu pra variá”: “Passa as noites acordado, falando sozinho. Se dorme, mija na cama. De repente até morde as pessoas!” (p. 270). Zé-da-Venda imagina então os deboches que certamente ele e os demais soldados irão fazer nas rodas de mate. No entanto, quando, no final da tarde, os soldados

partem, Gumercindo e sua mulher espiam pela fresta da janela a tropa se afastando e avistam o amigo pela última vez, pois ele seria um dos que não voltariam da guerra.

Também em “Cavalos do amanhecer”, tradução, publicada em 2003, de “Un cuento con un pozo”, de Mario Arregui, a heroicidade do gaúcho destemido é desconstruída para denunciar a opressão enfrentada pelos homens recrutados pelo exército. Neste conto, o ambiente é o pampa uruguaio no contexto da guerra civil entre blancos e colorados, dois partidos políticos que, além dos pleitos eleitorais, travaram vários confrontos também através de lutas armadas. A personagem Martiniano Ríos, assim como Gumercindo de “O herói não foi à guerra”, igualmente não toma partido nem por um nem por outro grupo envolvido no confronto: “Me cago pros dois. Eu não vou.” (p.72), decide Martiniano Ríos, que não quer participar de uma guerra onde muitos são os que morrem lutando por causas que nem sabem quais sejam. Ele sabia o que era isso, pois já havia peleado em duas ocasiões anteriores. Dessa vez, o que faz, ao perceber a chegada de uma “partida”, um pelotão de guerreiros, é esconder-se no fundo do poço. No tempo em que permanece ali, sua mulher e seu filho ficam à mercê da sorte diante dos cavaleiros que chegam ao rancho. O conto é bastante descritivo ao apresentar a personagem de Martiniano Ríos e o que ele faz às primeiras horas do dia, quando desperta e se levanta. Enquanto a mulher e o filho estão ainda dormindo, ele toma o seu chimarrão acompanhado da presença do seu cachorro Correntino, que é quem primeiro pressente a aproximação dos forasteiros, ainda antes do sol raiar e, portanto, antes de que pudessem ser vistos. A impaciência e os latidos do cachorro vão atormentando Martiniano e o fazendo perceber que estavam a caminho para buscá-lo. A idéia de esconder-se no poço obtém o resultado de livrar-se da guerra, pois não é encontrado pelos cavaleiros. No período em que permanece escondido, um outro ritmo do tempo se instala na narrativa, pois o leitor, assim como Martiniano, não se inteira dos acontecimentos exteriores ao poço e tem a sensação de que Martiniano fica por apenas alguns minutos escondido, pois não há ações narradas, apenas a descrição do interior do poço e as percepções de Martiniano naquele ambiente escuro e silencioso que o transporta a um outro mundo:

Quem desce num poço como aquele se distancia do mundo de uma maneira estranha. Vinte metros de descida por um buraco cavado na noite sem fim do subsolo é uma viagem vertiginosa e com certa magia. Entra-se num reino de fábula, onde tudo parece existir de forma espectral. (...) Aquele que desce vai levando seus ossos até os ossos de seus antepassados e daqueles seres sem cara e sem nome que foram comidos pela terra em qualquer parte do planeta. (...) Há também um silêncio nu e puríssimo, que de imediato se integra ou se acrescenta ao negrume e à pedra, e o fundo do poço é um lugar onde se está sem estar de todo, onde muito se participa do não-estar, do ter partido, do estar morto. (ARREGUI, 2003. p. 73-74)

Ao sair do poço, estimando que os cavaleiros tenham já seguido seu rumo sem o encontrar, Martiniano verifica que muita coisa aconteceu na sua ausência e se dá conta de que sua fuga não tinha ficado impune: o cachorro fora morto, a mulher estuprada e o filho castrado. Desesperado, volta ao fundo do poço para, mais do que representar uma metáfora, cometer suicídio.

Os contos “O herói não foi à guerra” e “Cavalos do amanhecer” retratam a arbitrariedade de certos processos históricos, onde não existem alternativas para esses gaúchos que devem seguir as ordens dos caudilhos, e isso denotava ir para a frente de batalha arriscar suas vidas em conflitos que a si mesmos não representaria nada. Do contrário, não escapariam impunes. No conto de Walmor Santos, em tom de comédia, a personagem Gumercindo passa a ser taxado de covarde e até de “maricas”; no conto de Mario Arregui, Martiniano Ríos não escapa à tragédia que sofre a sua família. Esse não é nenhum tema novo apresentado por esses autores mais recentes do regionalismo pampiano. Já estava presente, por exemplo, no poema “El gaucho Martín Fierro”, do argentino José Hernández, considerado um dos textos fundadores da temática gauchesca. Seguindo a mesma tradição, esses contos apresentados revelam a denúncia feita a uma estrutura opressiva de poder que formou as políticas do Uruguai, da Argentina e do Rio Grande do Sul.

Referências Bibliográficas

- [1] ARREGUI, Mario. *La mujer dormida y otros cuentos*. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 1999.
- [2] _____. *Cavalos do amanhecer*. Trad. Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- [3] CHIAPPINNI, Lígia. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995.
- [4] JITRIK, Noé (Org.). *Historia crítica de la literatura argentina*. Vol. 2: La lucha de los lenguajes. Buenos Aires: Emecé, 2003.
- [5] LUDMER, Josefina. *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*. Buenos Aires: Perfil, 2000.
- [6] MASINA, Léa. A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil-Uruguai-Argentina*. Porto Alegre: Ateliê, 2000.
- [7] SANTOS, Walmor. O herói não foi à guerra. In: MASINA, Léa (Org.). *O autor presente: literatura gaúcha*. Porto Alegre: IEL, 1997.

Autor

¹ **Carlos RIZZON, Prof. Doutorando**

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

rizzoonn@yahoo.com.br